

Migração sufoca Brasília, que não pára de crescer

Faltam espaço, moradia e até água, que há 2 anos é racionada nas cidades-satélites

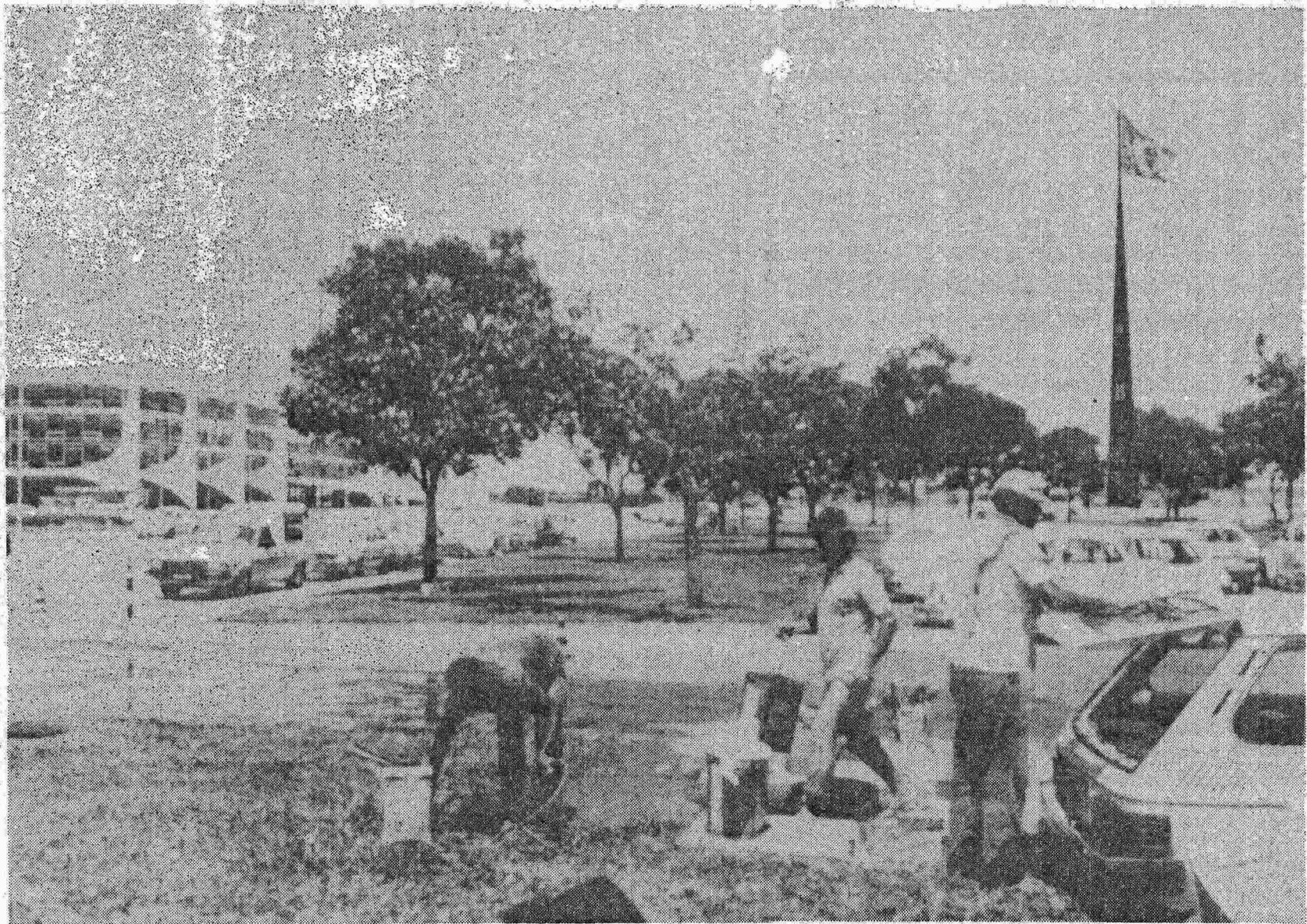
SÔNIA CRISTINA SILVA

BRASÍLIA — Brasília lotou. Não há mais vagas. Já não existem mais lugares para abrigar tanta gente que migra para o Distrito Federal, principalmente dos estados do Nordeste, Minas Gerais e Goiás. Projetada para abrigar dois milhões de habitantes no ano 2000, a cidade chegou aos 1,8 milhão de habitantes e para o final do século o número está estimado agora em quatro milhões. Por causa desse crescimento descontrolado, que leva a cada ano mais 80 mil pessoas para a Capital, faltam água, infra-estrutura e moradia. A situação está crítica. A cidade tem 41 favelas, 14 mil famílias desabrigadas e cem mil morando em barracos alugados em fundos de quintais das cidades-satélites. A represa do rio Descoberto não é mais suficiente para acompanhar o crescimento populacional, e as cidades-satélites estão sofrendo racionamento de água há dois anos. O governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, diz que

são necessários 100 milhões de dólares para a construção de uma nova barragem e a informação de que dispõe é que não será possível conseguir financiamentos da Caixa Econômica Federal para a obra.

Na próxima semana, o governo vai iniciar uma campanha nacional através de emissoras de rádio e televisão para tentar diminuir a migração. Os migrantes buscam em Brasília assistência médica e emprego, mas em vez disso encontram inúmeras dificuldades. Agora o governo pretende cadastrar famílias para assentar em áreas públicas.

Superpopulosa e com problemas de infra-estrutura, Brasília é hoje uma cidade que exibe curiosas contradições. Num de seus bairros mais nobres, o Lago Sul, existem mansões cinematográficas, parecidas com as do Morumbi, em São Paulo ou as da Tijuca, no Rio. A diferença é que nessas casas moram altos funcionários do governo e os aluguéis são pagos com dinheiro público. A poucos quilômetros desse bairro privilegiado, no entanto, Brasília convive com a miséria absoluta e favelas que lembram muito a periferia das capitais do nordeste ou os morros cariocas.



Lavadores de carro na Praça dos Três Poderes, com o Palácio do Planalto à esquerda: uma cena que os criadores da cidade não previam.